



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

Processos técnicos e plantas entre os povos do alto Rio Negro

Autoria: Lorena França Reis e Silva (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Este artigo apresenta resultados parciais da minha pesquisa de doutorado desenvolvida no Alto Rio Negro (noroeste amazônico - AM) com enfoque nos sistemas alimentares dos povos indígenas da região, com abrangência em diferentes calhas de rios e grupos indígenas. A pesquisa tem levantado uma ampla diversidade de processos técnicos entrelaçados com os saberes tradicionais, especialmente vinculados ao universo dos vegetais. Nesse artigo escolhi descrever quatro processos, sendo dois advindos da produção da mandioca e outros tubérculos da roça, e dois da combinação de frutos cultivados em diferentes espaços com os subprodutos da mandioca: 1) o destilado alcohólico, produzido a partir do caxiri, na região de fronteira Brasil ? Colômbia, no alto rio Ayari, 2) a farinha de massoca ?feita da mandioca mas com granulação super fina, que se diferencia da farinha d?água amazônica, 3) o marapatá, elaborado da mistura do caroço de umari e da goma de mandioca, e 4) a ?manteiga? preparada com a fruta pacua caatinga, consumida no beiju. Essa pequena amostra de elaboração de técnicas, artefatos e produtos, bem como as formas de consumo alimentar, indicam uma diversidade de saberes interconectados, que compõem a imensa rede de troca partilhada por diferentes grupos étnicos do Alto Rio Negro.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: